MEMÓRIA, FÉ E EXPERIÊNCIA DO SAGRADO EM *SURRENDER*: CONEXÕES COM AS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Silvério Leal Pessoa[1]

Resumo

Este trabalho analisa, em *Surrender*: 40 músicas, uma história, a autobiografia de Bono Vox, a articulação entre memória pessoal, fé e experiência do sagrado. O objetivo é investigar como a narrativa reconfigura vivências pessoais e a busca de transcendência à luz da categoria de numinoso, de Rudolf Otto. Metodologicamente, recorre-se à pesquisa bibliográfica de abordagem fenomenológica. Os resultados indicam que a obra transforma lembranças e canções em linguagem espiritual, elaborando uma experiência religiosa marcada por tensão, presença e desejo de sentido. Conclui-se que *Surrender* aproxima memória, música e sagrado no campo das ciências da religião.

Palavras-chave: Numinoso. Rock. Bono Vox. Música. Rudolf Otto.

1 INTRODUÇÃO

A obra autobiográfica *Surrender*: 40 músicas, uma história, de Bono Vox, vocalista da banda irlandesa U2, ultrapassa o registro de memórias de entretenimento e se firma como objeto de estudo relevante para as Ciências da Religião. Dividido em quarenta capítulos, cada um batizado com o nome de uma canção do grupo, o livro não segue apenas a cronologia dos fatos: nele, a memória é usada como fio condutor para investigar a experiência religiosa e estética do autor. Este texto analisa a obra a partir da fenomenologia da religião, com base na categoria do numinoso, formulada por Rudolf Otto em *O Sagrado* (1917).

[1] Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e do Curso de Pedagogia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: silverio.pessoa@unicap.br

A U2 é conhecida por turnês de grande estrutura, com montagem sonora e efeitos visuais elaborados. Bono Vox, ao lado de mais três integrantes, compõe a maior parte das letras da banda, com forte conteúdo religioso e ativista. Nos shows, é comum a projeção de falas de líderes religiosos e políticos, além de referências a conflitos, ecologia, espiritualidade e rituais, associadas a uma reflexão sobre povos e culturas atingidos por guerras e deslocamentos forçados, temas recorrentes nos discursos do vocalista.

Os demais integrantes da banda são The Edge (guitarra), Adam Clayton (baixo) e Larry Mullen (bateria). Formada em 1976, na Irlanda, a banda mantém essas marcas desde a origem. O objetivo deste estudo é demonstrar como a experiência do sagrado narrada por Bono — tensionada entre o humano e o divino — dialoga com os conceitos de *mysterium tremendum et fascinans*, contribuindo para compreender a religiosidade contemporânea mediada pela arte e pela memória, no campo das Ciências da Religião.

2 CAMINHOS MUSICAIS E RELIGIOSIDADES

O ambiente social da banda, formada em 1976, é inseparável do conflito irlandês conhecido como *The Troubles* (1968-1998): Dublin ficava ao sul da fronteira, relativamente protegida da violência direta, mas o clima sectário atravessava o imaginário coletivo e alcançava os jovens músicos pelas conversas familiares e pela própria composição religiosa mista de seus lares. Esse duplo pertencimento, testemunha e, ao mesmo tempo, relativamente exterior ao conflito armado, favoreceu em Bono uma postura de mediador, mais interessada em anunciar, pela música, a possibilidade de reconciliação do que em vencer um lado sobre o outro.

O olhar de Bono sobre os embates na Irlanda desenvolveu nele um senso de pertencimento não apenas ao contexto religioso, mas na ação ativista em busca de paz. Seu comportamento então pode ser descrito

como carismático, atuante, militante, embora em um cenário histórico do Rock que sempre destacou sexo e drogas.

Essa vocação foi tensionada já no início da carreira: entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1980, Bono, The Edge e Larry Mullen aproximaram-se de um grupo carismático, o *Shalom*, que os levou a questionar se o rock era compatível com a fé cristã que professavam (Stockman, 2001), a ponto de cogitarem deixar a banda. Esse mesmo percurso explica o caráter ativista da religiosidade de Bono, próximo da tradição profética bíblica: a indignação com a pobreza e a dívida externa vira pauta pública em campanhas como a Jubileu 2000, unindo experiência do numinoso e responsabilidade ética diante do mundo.

Em *Surrender*, essa busca é sistematizada através de uma narrativa que articula as perdas, a militância social e a rendição ao transcendente. A memória de Bono foi o que atravessou sua trajetória e sua produção artística envolvidas com o texto religioso. Quando ele estava com o pai, moribundo, revelou:

> Naqueles últimos dias, ele me dissera que, ao aceitar o câncer, tinha perdido a fé, mas também que eu nunca deveria perder a minha. Que minha fé era a coisa mais interessante a meu respeito. Encorajado, li para ele um salmo do rei Davi, o salmo 32 (Bono, 2022, p. 17).

No decorrer do livro *Surrender*, percebe-se o olhar afinado com a religiosidade por parte do autor. Revela-se um artista e compositor de letras e melodias que registram ideias sobre o mundo, busca de sentido, mesmo sem uma definição conceitual ou teórica precisa, como é o caso quando ele define a prece:

> Alguém disse que rezar é como estar no mar bravio a bordo de um barquinho sem remos. Tudo que você tem é uma corda que, em algum lugar distante, está presa ao porto. Com essa corda você pode se aproximar de Deus. As músicas são as minhas preces (Bono, 2022, p. 30).

Muitos compositores e intérpretes comungam que a música é uma religião, que a música é uma forma de oração, que os sons, dependendo da frequência, elevam a alma, o espírito. Na obra da banda U2, fica evidente

essa adoção de um caráter espiritual não apenas nas músicas compostas e executadas, mas no palco, na performance da banda. Quando o autor descreve as opções religiosas dos pais, ele mesmo confirma a complexidade que é viver em um país dividido por pertencimento religioso, como foi o caso da Irlanda:

> Bob era católico; Iris, protestante. O casamento deles escapou ao sectarismo da Irlanda na época. E, como Bob acreditava que minha mãe era quem devia decidir sobre a instrução religiosa das crianças, nas manhãs de domingo, meu irmão e eu ficávamos com nossa mãe na igreja protestante de São Cainnech de Aghaboe, em Finglas. Depois, meu pai ia para a missa na igreja católica, mas acima na mesma rua. Que também se chamava São Cainnech de Aghaboe. Confuso? Sim! (Bono, 2022, p. 33).

A música é uma linguagem: transmite ideias, histórias, sentimentos, desperta emoções e toca a parte mais profunda daquilo que significa ser humano. Um show do U2 é uma cerimônia, o que permite refletir sobre sua performance nos shows:

> O U2 habita aquele perigoso e palpitante espaço que liga o físico ao espiritual, o mortal ao divino. A música da banda estica cada tendão de nossa imaginação numa tentativa, a mais corajosa, de levar-nos ao lugar mais distante que uma banda de rock jamais poderia nos levar. Eles têm preenchido cada milímetro de vácuo com os mais profundos comentários sociais, expondo o absurdo da vida pós-moderna (Stockman, 2001, p. 16).

Encontram-se, nas inúmeras citações de sua autobiografia, relatos pessoais sobre suas vivências, principalmente no cristianismo, como reflexo da prática dos pais, do clima religioso na Irlanda do Norte, e das ações desenvolvidas, sobretudo por ele mesmo, no ativismo político. Nessa forma de entender esse panorama:

> Para boa parte da população na Irlanda, riqueza e protestantismo andavam de mãos dadas. Ser rico e protestante era ter compactuado com o inimigo – isto é, a Grã-Bretanha. Esse era o pensamento bastante distorcido nas décadas de 1960 e 1970. Na verdade, a igreja da Irlanda forneceu muitos dos insurgentes mais famosos, e ao sul da fronteira sua congregação era modesta em todos os sentidos. Pessoas muito simples, muito simpáticas. Na verdade, em vez

> de intolerância e preconceito, o excesso de gentileza é que era o problema. Nas festas nos jardins e nas feiras só o que podia matar alguém era o pão doce. A Igreja da Irlanda só mataria alguém por excesso de gentileza (Bono, 2022, pp. 33-34).

Como o próprio autor enfatiza, o painel das denominações religiosas da Irlanda entre 1960 e 1970 demonstra sua percepção do quadro religioso, que resultaria nas letras compostas para os shows e discos da banda. De fato, "dentro e fora dos limites de sua arte, eles têm feito campanha em prol de um Reino espiritual no qual acreditam, mas que ainda não encontraram" (Stockman, 2001, p. 16).

3 A CATEGORIA DO NUMINOSO EM RUDOLF OTTO

Para compreender a experiência religiosa em *Surrender*, é imperativo, como proposta desse estudo, revisitar a fundamentação teórica de Rudolf Otto. O autor propõe que o sagrado possui um elemento irracional ou não conceitual que ele denomina numinoso. Segundo Otto, o numinoso é uma categoria de interpretação e de valorização que se refere ao objeto religioso em sua pureza, antes de ser revestido por camadas éticas ou racionais.

Otto contrapõe-se às tentativas, na teologia liberal de sua época, de reduzir Deus a atributos racionais e morais como bondade, justiça e onisciência, que descrevem apenas o momento racional do sagrado. O numinoso designa o resíduo que escapa a essa definição: uma categoria a priori de valor e sentimento, apreendida pelo que Otto chama *sensus numinis*, faculdade que não se ensina, apenas se desperta, o que explica por que experiências estéticas ou musicais evocam o numinoso mesmo fora de um contexto religioso institucional.

O numinoso manifesta-se como uma presença que evoca no sujeito o sentimento de criatura, uma percepção de finitude diante da majestade absoluta. As narrativas de Bono, não apenas na autobiografia, mas também nas letras do U2, são muitas vezes interpretadas como um campo de

espiritualidade sem definição de uma religião ou de um deus específico, algo sem explicação racional precisa, mas com presença de sentimento.

Otto descreve essa experiência através da expressão latina *mysterium tremendum et fascinans*. O *tremendum* refere-se ao aspecto pavoroso, à ira ou cólera divina, que produz um tremor sagrado e um reconhecimento da *majestas* (superioridade de poder). Por outro lado, o *fascinans* é o elemento de atração irresistível, a graça e a beatitude que cativam o indivíduo. Como afirma Otto: "O numinoso pode manifestar-se de modo tão suave e brando como um murmúrio, mas também pode irromper com uma força terrível e avassaladora" (Otto, 2007, p. 45). Essa dualidade é central para entender como Bono Vox descreve sua relação com o sagrado: um Deus que tanto consola quanto confronta.

Em Otto, o *fascinans* reúne graça, amor e beatitude que atraem o sujeito mesmo após confrontá-lo com sua pequenez, duplo movimento que confere ao sagrado, em Otto, sua qualidade paradoxal. Essa formulação influenciaria Mircea Eliade, para quem o sagrado se manifesta por hierofanias que organizam o espaço e o tempo profanos (Eliade, 1992), noção fecunda para ler cada canção de *Surrender* como uma pequena hierofania.

4 *SURRENDER*: DA MEMÓRIA E DO SAGRADO

O aspecto do *tremendum* aparece na obra de Bono através da consciência aguda da injustiça social e do mal estrutural. Para o autor, o sagrado não é alienante; ele exige uma resposta ética. No entanto, essa resposta nasce de um confronto com o terrivelmente outro. Em capítulos que discutem canções como *Sunday Bloody Sunday*, Bono descreve a experiência de horror diante da violência na Irlanda do Norte como um momento em que o sagrado irrompe como julgamento.

A leitura que Bono propõe da violência sectária aproxima-se da indignação profética de Amós, para quem o sagrado é inseparável da denúncia da injustiça — "corra a justiça como as águas, e a retidão, como

ribeiro perene" (Amós 5:24). Em *Surrender*, o *tremendum* não fica confinado ao temor privado: converte-se em compromisso público. Décadas depois de compor *Sunday Bloody Sunday*, Bono canalizaria essa mesma energia ética para o ativismo pelo perdão da dívida externa e contra a Aids na África, a ira sagrada deslocada do palco para a arena internacional, sem perder sua raiz religiosa.

Bono relata o medo de perder a essência espiritual sob o peso da megalomania do rock. Essa luta interna reflete a *majestas* de Otto: o reconhecimento de que, diante do sagrado, todas as glórias humanas são pó e cinza.

4.1 O Fascinans e a Estética da Redenção

O elemento *fascinans* é onipresente em *Surrender* através da busca pela beleza e pela harmonia. Bono descreve a música como uma linguagem de anjos que permite vislumbrar a beatitude. Como observado na análise cultural anterior, a religiosidade de Bono é marcada pela ausência presente: ele é fascinado por um Deus que se esconde, mas cujos vestígios são encontrados na arte, na amizade e no amor conjugal (especialmente em sua relação com Ali Hewson, sua esposa).

A insistência de Bono na graça, favor imerecido, distinto da lógica de causa e efeito de outras cosmovisões, aprofunda o caráter de dádiva já implícito no *fascinans* otoniano: o sagrado que fascina não se conquista pelo mérito, mas se recebe gratuitamente. Por isso, em *Surrender*, a busca nunca se encerra: como o coração inquieto de Agostinho, *I Still Haven't Found What I'm Looking For* expressa uma insatisfação estrutural que mantém a experiência religiosa em estado de peregrinação. Essa fascinação não se restringe ao explicitamente religioso: manifesta-se também na amizade e no amor conjugal, sugerindo, em termos eliadianos, hierofanias discretas do cotidiano, dupla via de acesso, pelo palco e pela intimidade, que prepara a discussão sobre a articulação entre estética e religião.

4.2 Articulação entre experiência estética e religiosa

A grande contribuição de *Surrender* para as Ciências da Religião reside na demonstração de que a experiência estética pode ser uma mediação legítima do sagrado. Bono Vox não separa o palco do altar. Para ele, a performance é uma forma de oração coletiva. Quando Otto descreve o numinoso como algo que não pode ser ensinado, mas apenas despertado, ele antecipa a função da arte na espiritualidade contemporânea. A música do U2 desperta o numinoso em ouvintes que, muitas vezes, estão distantes das instituições religiosas tradicionais.

Essa articulação já se encontrava, de modo germinal, na própria obra de Otto: ao discutir os meios de expressão do numinoso, ele aproxima o sentimento numinoso da categoria kantiana do sublime, sugerindo que o silêncio, a escuridão, o vazio, a vastidão dos espaços e certas progressões harmônicas funcionam como meios indiretos de evocação do sagrado, justamente porque não o representam conceitualmente, mas preparam o sujeito para senti-lo (Otto, 2007). A performance do U2 mobiliza recursos análogos, a escuridão que antecede a entrada da banda, o silêncio antes dos refrões, a amplitude sonora dos estádios, a repetição quase litúrgica de motivos musicais, dispositivos de indução ao numinoso no sentido estrito que Otto atribui ao termo.

A antropologia da religião oferece outra chave: o conceito de liminaridade, de Victor Turner, para quem certos ritos suspendem a estrutura social ordinária e instauram um vínculo igualitário e intenso, a *communitas* (Turner, 1974). Um show do U2 pode ser lido como um dispositivo ritual secular estruturalmente análogo: por algumas horas, milhares de pessoas de origens e crenças diferentes compartilham um mesmo tempo afetivo, suspendendo hierarquias cotidianas. Bono parece consciente dessa dimensão quando chama o palco de altar: a performance não apenas representa, mas propicia uma experiência de *communitas* quase religiosa, ainda que fora do enquadramento institucional das igrejas.

Bono interpreta sua própria trajetória como uma tentativa de traduzir o inefável para a linguagem do rock. Ele admite as lacunas interpretativas de sua própria fé — momentos em que o silêncio de Deus é ensurdecedor. Essas lacunas, longe de serem falhas, são constituintes da experiência religiosa autêntica, que nunca possui o objeto sagrado de forma plena, mas permanece em estado de tensão e desejo.

Ao traduzir o inefável para o rock, ele não resolve esse mistério, mas o performa: as canções são tentativas sempre provisórias de dizer o indizível, e é esse caráter inacabado que as torna aptas a expressar a experiência religiosa em sua autenticidade, uma fé sustentada, precisamente, na tensão entre certeza e dúvida.

Do ponto de vista das Ciências da Religião, essa análise confirma a pertinência de estudar a música popular como campo legítimo de manifestação da religiosidade contemporânea, sobretudo em sociedades marcadas pelo afastamento das instituições tradicionais. *Surrender* demonstra que a mediação estética não diminui a autenticidade da experiência religiosa: oferece-lhe, ao contrário, uma linguagem capaz de alcançar sujeitos que dificilmente se reconheceriam no vocabulário confessional das igrejas, mas que permanecem, na formulação de Otto, receptivos ao numinoso quando este se apresenta sob a forma de arte.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Surrender* à luz de Rudolf Otto aponta que a obra de Bono Vox é um documento teológico-científico de alta relevância. A narrativa autobiográfica confirma que o sagrado continua a se manifestar na contemporaneidade através de novas mediações culturais. A categoria do numinoso permite compreender que a rendição proposta por Bono não é uma fraqueza, mas o reconhecimento da *majestas* divina diante da fragilidade humana.

Em última análise, *Surrender* demonstra que a memória, quando atravessada pela fé, torna-se um espaço de encontro com o sagrado. Bono

Vox, ao compartilhar sua história, não apenas narra a vida de uma estrela do rock, mas oferece um mapa fenomenológico da alma humana em busca do *mysterium fascinans*. A obra permanece como um convite para que as Ciências da Religião continuem a investigar as intersecções entre arte, subjetividade e transcendência no século XXI.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1997.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*: sobre o elemento irracional na ideia do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

STOCKMAN, Steve. *Walk On*: a jornada espiritual do U2. São Paulo: W4, 2001.

TURNER, Victor W. *O processo ritual*: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

VOX, Bono. *Surrender*: 40 músicas, uma história. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.